

Composto por 538 páginas, recebeu esta publicação um tratamento especial, quer quanto à impressão propriamente dita, quer quanto à qualidade e número das ilustrações, não raro coloridas, como, também, com respeito à tradução, por conta de Rosemarie Erika Horch.

Certamente esta publicação passará a figurar como mais uma importante obra de referência.

Arlinda Rocha Nogueira

NEJAR, Carlos. *Um certo Jaques Netan*. Rio de Janeiro, Record, 1991 e *O Túnel Perfeito*. São Paulo, Massao Ohno, 1991.

Ao investir pela “prosa” (*Um certo Jaques Netan*, Record, 1991 e *O Túnel perfeito*, Massao Ohno, 1991), Carlos Nejar continua sendo, antes e acima de tudo, poeta. E talvez ele próprio tenha consciência dessa sua ambigüidade essencial, ao classificar de *novela* os dois livros de estréia no gênero: preferivelmente ao *conto* e ao *romance*, a *novela* permite o fluxo acelerado da imaginação, apresentando, por decorrência, personagens que têm mais obrigações consigo mesmas do que com a realidade exterior. Para quem está habituado à poesia de Nejar, comemorando recentemente seus trinta anos com *A Idade da Aurora*, a pujança dessa fantasia que se oferece rebelde a fronteiras não há de causar espécie: afinal, desde a primeira obra publicada, *Selésis* (1960), o poeta vem reafirmando, com notável persistência, que seu compromisso literário, humano e existencial, é com a *palavra*, com o Verbo. O resto é consequência.

Dois aspectos podem ser apontados como indicadores de que Nejar continua fiel a um princípio, a um certo modo de poetar que subjaz às frágeis peculiaridades formais da “*novela*”: 1) em ambos os textos, a quase ausência de enredo - ou melhor, a fragmentação dele; a fantasmagoria das personagens, seres sem passado ou futuro, e com escassos vínculos familiares; a opção pelo *solilóquio*, a dizer de uma subjetividade extremada, que oscila da *primeira* para a *terceira* pessoa como se uma fosse o “*duplo*” da outra, etc - são exemplos suficientes de uma “*prosa*” rarefeita, tenuemente atada às exigências mínimas do que se pretenda apresentar como criação ficcional; 2) a densidade metafórica da linguagem, em que a carga simbólica dos vocábulos rompe tanto com uma possível nitidez de sua natureza semântica, quanto com a sua organicidade sintática, a estruturá-los numa ordem lógica qualquer. Como arremate do conjunto, os capítulos não são titulados e a redação não é contínua, como parágrafos e/ou períodos, longos e/ou breves, graficamente distanciados uns dos outros ou individualmente numerados, substituindo a tradicional folha compacta das obras em prosa. Não é a toa que os modelos sempre citados por Nejar são Homero, Virgílio, T. S. Eliot, Borges, Pessoa e outros que, como ele, também miscigenaram as fronteiras da prosa e da poesia.

No título das novelas já se patenteia o gosto da imprecisão: “*um certo*”

é tão eloqüente quanto "túnel" para referir a vaguidade do objeto em causa, medularmente pactuado com o *sonho*, considerado "absoluto" pelos habitantes do "túnel perfeito" (p. 44) e reconhecido como "tudo" por "Jaques Netan" (p. 60). E que "objeto" é esse? Aparentemente, o túnel é um simulacro ora de cidade ou de civilização; ora de labirinto interior ou do próprio texto literário; e ora, finalmente, da polissemia da palavra poética, única capaz de criar o "círculo mítico" que se opõe à cronologia irreduzível e angustiante da História. Quanto a Jaques, é um cidadão em busca da memória pessoal e coletiva, pois vive cercado por "muro" social e psicologicamente opressivo, amargando fugidias saudades da mulher Tamisa e da filha Cristiane, tão eivadas de devaneio quanto a realidade transfigurada. Nos dois casos o Homem retratado é uma espécie de protótipo ideal, capaz da magna e dolorosa tarefa de "sonhar" a vida quanto mais ela macula os sonhos. Na esteira de Calderón de la Barca ou do Pessoa de *Primeiro Fausto*.

A cosmovisão que aí se configura ombreia o trágico, com acento posto naquela solidão que, desde Camões, ficou sendo um "solitário andar por entre as gentes". Avesso a "engajamentos" de qualquer espécie - o que é coerente com quem prega a soberania da Palavra - a "denúncia" de Nejar ocorre às avessas, num "confronto de espelhos", conforme a imagem que é, na sua obra, espécie de obsessão: cada ser é um microcosmo da comunidade, metonímia do Universo, e recriá-lo na sua fobia pelo Tempo, na sua ânsia de amar e nas suas indagações sobre a Morte é, por extensão, reconstituir a trajetória sem fim da humanidade, rumo ao Desconhecido. O Mistério do Homem é o do texto, fazendo com que a prosa se dissolva naturalmente em poesia.

Lênia Márcia Mongelli

POESIA DE EMÍLIO MOURA - Introdução e Seleção de Fábio Lucas. São Paulo, Art Editora, 1991, 190p.

Bem avisado andou o mestre da crítica nacional Fábio Lucas ao cuidar de nova apresentação da obra de Emílio Moura, ainda que nas proporções reduzidas de uma seleção antológica.

Emílio Moura é nome que merecidamente figura entre os mais significativos da poesia brasileira, não apenas modernista, senão também do seu conjunto geral.

A sua poesia destaca-se e notabiliza-se muito singularmente em meio à nossa poesia, renovada a partir dos anos vinte, por vários motivos, entre os quais estes: o desprezo pelas formas desordenadas, pelo uso, deliberado ou não, dos erros de linguagem, pela mania do gracejo anedótico, pela adoção da falta de forma propriamente poética, pela desmoralização procurada da métrica, pela busca da novidade formal a qualquer preço. É em vão que se pesquisa a obra de Emílio Moura, verso a verso, para descobrir concessão, por mínima que seja, a qualquer das manias que caracterizam a poesia modernista no Brasil ou em qualquer outro país. Ele adotou, sem dúvida, a liberdade métrica e certos modos de encarar a vida, o amor, a tristeza fundamental da existência humana, mas